

A laranja maculada

Nota do Editor

Quando o autor me contactou e me desafiou a publicar a 2ª edição desta obra, disse-lhe de imediato que sim, por duas razões: pela amizade que nos une desde há muitos anos e pelo interesse do texto, que já conhecia.

Somos ambos Oficiais da Armada, na reforma, sendo eu uma meia dúzia de anos mais novo; travamos conhecimento no “verão quente” de 1975 e desde essa altura mantemos contacto, de vez em quando. À convergência de pontos de vista daquela época, aos valores e princípios semelhantes que defendíamos e defendemos, não deverá ser estranha a mesma formação recebida no Colégio Militar, que ambos frequentamos com alguns anos de desfasamento.

Como antes referi, já conhecia o texto, pois tinha sido convidado pelo autor para apresentar a 1ª edição, numa sessão pública no Clube Militar Naval em Abril de 2009. Foi um livro que então li com muito gosto e interesse, com uma trama muito bem imaginada, uma espécie de romance policial, tendo simultaneamente muita informação sobre a ameaça terrorista, cada vez mais atual, mostrando investigação detalhada e muito conhecimento de realidades culturais que não são as nossas e que importa conhecer para melhor perceber o que está em causa.

Esta reedição de uma obra que teve muita procura e já há muito está esgotada, permite voltar ao tema, infelizmente agora tão oportuno, e alertar muitas mais pessoas para este tipo de ameaça. Por vezes pensamos que certas situações só acontecem aos outros, que o nosso País é pequeno e que não despertará interesse às organizações terroristas; mas não é exatamente assim, pois somos um membro da União Europeia, logo, um alvo apetecível para os terroristas fundamentalistas. O nosso passado marítimo, de que muitas vezes nos esquecemos - mas que eles não esquecem - poderá mesmo levar a que um ataque terrorista entre nós tenha um cunho marítimo.

Não devemos ser alarmistas, mas importa estar atento e tomar alguns cuidados e precauções; muitos certamente foram já tomados e a situação é alvo de monitorização pelos serviços responsáveis pela segurança interna. Haverá contudo, que criar e desenvolver entre nós, na sociedade civil, uma “cultura de segurança”, que facilite fazer frente a este tipo de ameaças, que infelizmente está para ficar. Se com a reedição desta obra a Editora Náutica Nacional de alguma forma puder concorrer para este desiderato, ficarei muito satisfeito, com a consciência de ter cumprido o meu dever de cidadão.

Lisboa, 1 de Fevereiro de 2015

Alexandre da Fonseca

(2508)

